

***A Conquista da Felicidade* – Relatório de Estágio na Relógio d'Água**

**Diana Catarina Saraiva de Carvalho**

**Relatório  
de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Março 2015**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do  
Prof. Dr. Fernando Cabral Martins \*

---

\* Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

*Dedico estas páginas à menina que gostava muito de ler e sonhava ter um dia  
uma biblioteca infinita.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao director editorial da Relógio d'Água, Francisco Vale, e a toda a sua equipa, que me acolheu e guiou durante o tempo de estágio. Foi um privilégio ter a oportunidade de trabalhar na Rua Sylvio Rebelo.

Um agradecimento também é devido a quem me guiou na FCSH-UNL: Prof. Dr. Fernando Cabral Martins, orientador de estágio que me valeu nos momentos de pânico e crises existenciais.

Os meus pais e irmão, sempre na primeira fila, apoiaram todas as minhas decisões e projectos, por vezes com alguma preocupação mas confiantes no caminho que escolhi.

Ao João, meu salvador de tantos dias na Biblioteca Nacional.

Diana Carvalho

## RESUMO

O presente relatório serve de testemunho dos quatro meses de estágio realizado no âmbito do mestrado em Edição de Texto, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Entre os meses de Outubro de 2014 e de Fevereiro de 2015, tive a oportunidade de estagiar numa das mais importantes editoras independentes do espaço português, a Relógio d'Água. No centro deste processo, está a edição de *A Conquista da Felicidade* do filósofo e autor britânico Bertrand Russell, um processo multifacetado e que envolveu a aplicação de diversos conceitos e práticas abordadas nos semestres curriculares do mestrado.

O projecto desta edição contemplou a sua primeira revisão, a produção dos elementos paratextuais como o texto de contracapa e de badanas, a paginação e introdução de emendas consequentes da segunda revisão; é feita uma abordagem aos níveis intratextual e paratextual, ou seja, são tratadas as questões inerentes ao texto assim como as que o acompanham na sua materialização em livro.

O prestígio e o rigor das publicações da Relógio d'Água conferem a esta casa editorial um precioso papel no contexto editorial português, com o seu contributo para a divulgação da literatura e ensaio no mercado da edição em Portugal; o trabalho que aqui realizei mostrou-se de grande valor, tanto pessoal como profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relógio d'Água Editores, Edição de Texto, Editoras em Portugal, *A Conquista da Felicidade*, Bertrand Russell, Estágio, Edição, Revisão, Paginação, Tradução, Livro.

Diana Carvalho

## ABSTRACT

This internship report is a witness of the four months of internship accomplished during the completion of the Master's Degree in Text Editing, in Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of Universidade Nova de Lisboa. Between the months of October of 2014 and February of 2015, I was given the opportunity to internship at one the most important independent publishing houses in the Portuguese market, Relógio d'Água. At the heart of this project, lies the edition of *A Conquista da Felicidade* by the British philosopher and author Bertrand Russell, a multidisciplinary process, which involves many different areas of knowledge and the application of several concepts and practices we have approached during the curricular semesters.

The project of editing this book regarded the first revision, the writing of the paratextual elements for the back cover and the flaps, the pagination and introduction of amendments made from second revision; the approach is made in a intratextual and paratextual way, meaning that it deals with questions raised by the text itself and those raised by the materials that complement it as the text is transform into a book.

The prestige and rigour of the publications of Relógio d'Água award this publishing house a precious role in the Portuguese editorial context, with its contribute to the disclosure of works of literature and essay in the publishing market; the work I've done here was of great value, both personal and professional.

**KEYWORDS:** Relógio d'Água Editores, Text Editing, Portuguese Publishing Houses, *A Conquista da Felicidade*, Bertrand Russell, Internship, Editing, Revision, Pagination, Translation, Book.

*“Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito desfaz-se, como um aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia.”*

*in O Prazer do Texto*

Roland Barthes

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Dentro do Texto	5
A Estrutura	6
Correcção/Alteração – <i>as subtilezas da intervenção editorial</i>	7
Aspectos da Tradução – <i>a fragmentação depois de Babel</i>	10
No Limiar do Texto	15
Paratextos Editoriais	15
Epígrafe, Prefácio, Introdução – <i>guias de sentido</i>	17
Na Periferia da Página	19
A Página	21
CONCLUSÃO	23
BIBLIOGRAFIA	28
Anexos	
Anexo 1 – Texto de contracapa	31
Anexo 2 – Texto de badana	32
Anexo 3 – Epígrafe da edição de 1982	33
Anexo 4 – Epígrafe com tradução de Maria de Lourdes Guimarães	34



## INTRODUÇÃO

*“Textual criticism is a science, and, since it comprises recension and emendation, it is also an art. It is the science of discovering error in texts and the art of removing it.”*

A.E. Housman

A singularidade de cada texto implica uma abordagem da mesma forma singular às questões textuais por ele levantadas. Na sua particularidade, o texto a editar apresenta problemas de diversa ordem – gramatical, ortográfica, semântica – motivados por vários factores, sejam erros na transmissão electrónica do texto, ou, por exemplo, incorrecções e inadequação da tradução; tais problemas requerem respostas igualmente singulares. Definem-se critérios tendo em vista a coerência textual, uma das qualidades mais importantes de qualquer intervenção editorial, critérios que servem de orientadores da edição em mãos enquanto evento único. É necessário pensar o texto e atender às suas especificidades, fazendo depender o grau de intervenção do tipo de questões com que o editor se depara, e também da sua sensibilidade perante o texto, que definimos aqui muito sinteticamente<sup>1</sup> enquanto conjunto de expressões fixadas e transmitidas, quer pela via oral quer, a que muito nos interessa, pela via gráfica.

Durante o estágio na Relógio d'Água Editores acompanhei a edição de *A Conquista da Felicidade* de Bertrand Russell, desde a primeira revisão à paginação final. A Relógio d'Água é uma editora independente, fundada em 1983, que se firmou pela qualidade das suas edições e o seu vasto catálogo<sup>2</sup>, combinando tanto a ficção como a não-ficção. A sua equipa é relativamente pequena, mas a produção editorial que mantém trespasa o romance, a poesia, o teatro, o ensaio, a filosofia, a ciência, e publica autores nacionais e internacionais das mais diversas geografias e épocas. Ao longo dos últimos trinta e dois anos, deu à estampa algumas das obras mais emblemáticas da nossa cultura como *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *Pela Estrada Fora* de Jack Kerouac, *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio, *Mrs. Dalloway* de Virginia Wolf; os clássicos russos de Tólstoi, Dostoievski,

---

<sup>1</sup> A partir da entrada “Texto” de categoria filológica no Dicionário de Termos Linguísticos.

<sup>2</sup> O catálogo de 2015 pode ser consultado em <http://www.relogiodagua.pt/cataacutelogo.html>

Tchékhov; a poesia de Sylvia Plath, Emily Dickinson, Allen Ginsberg, T. S. Eliot, Camilo Pessanha, William Blake, Rimbaud; o pensamento de Hannah Arendt, Slavoj Žižek, George Steiner, Umberto Eco, José Gil; e prémios Nobel como Alice Munro e, mais recentemente, Patrick Modiano, de quem havia editado *As Ruas das Lojas Escuras* ainda em 1988.

Neste contexto, a minha participação no projecto de edição de *A Conquista da Felicidade* aconteceu tanto a nível textual como paratextual, ao colaborar com os diferentes departamentos da editora, mas sendo da minha responsabilidade tarefas como a primeira revisão, a paginação de todo o corpo do texto, inclusive alguns elementos paratextuais como a epígrafe, a Introdução e o prefácio, além da escrita dos textos biobibliográfico e de sinopse que ilustrarão as badanas e a contracapa. O objectivo foi acompanhar as diferentes etapas de edição e produção desta obra, ao longo dos quatro meses de estágio (de Outubro a Fevereiro), condensados no presente relatório.

O ponto de partida foi a sexta edição d'*A Conquista da Felicidade* pela Guimarães Editores, que data de 1982. O texto-base é assim a tradução de José António Machado do texto original, *The Conquest of Happiness*, uma das obras mais marcantes do filósofo e matemático britânico pela sua natureza pragmática e direccionada ao leitor comum. É com certeza um texto filosófico, que trata uma das questões mais debatidas da Filosofia – a Felicidade –, mas não erudito no seu sentido mais restrito: Russell parte da sua própria experiência para proporcionar ao leitor um guia para o alcance de uma vida mais feliz. Esta natureza «popular» do texto torna por demais importante a sua inteligibilidade, e a preparação da sua leitura deve ser orientada para essa abrangência de público, para esses leitores fora dos círculos académicos, cuidando a clareza do discurso e o espírito do texto; a preocupação com o leitor está no centro da sua organização e apresentação.

*The Conquest of Happiness* foi publicado pela primeira vez em 1930 em Inglaterra, contando com várias edições e reedições, e em diversas línguas, ao longo dos últimos anos. A edição de 1982 é a sexta no espaço editorial português, responsabilidade da Guimarães Editores; a edição inaugural d'*A Conquista da Felicidade* é de 1952, e desde então seguiram-se dez<sup>3</sup> – incluídas na colecção Filosofia e Ensaio da editora. A tradução

---

<sup>3</sup> De acordo com o Porbase a mais recente é de 2009 e é uma reimpressão.

de José António Machado manteve-se de reedição para reedição, com modernizações<sup>4</sup>, assim como os textos de badana se conservaram, praticamente inalterados, ao longo das sucessivas edições. Para efeitos de comparação, e historiografia das edições portuguesas, fiz uso do catálogo da Biblioteca Nacional e da consulta das edições de 1952 (a primeira), de 1982 (que serviu de base) e de 2006 (a última disponível).

Uma das diferenças mais significativas a que a *Relógio d'Água* se propõe é a conversão do texto para o Acordo Ortográfico legalmente em vigor, além da inclusão de elementos paratextuais não presentes nas anteriores edições portuguesas, nomeadamente um comentário introdutório traduzido a partir da edição inglesa de 2013 da Liveright Publishing Corporation. Também diverge a utilização da tradução de Maria de Lourdes Guimarães do poema de W. Whitman em epígrafe e a intervenção mais profunda, relacionada com outros momentos da tradução, a nível intratextual, de forma a dar resposta a determinados aspectos do texto, de que darei conta nos capítulos de desenvolvimento.

O presente relatório está organizado em dois momentos que abordarão várias etapas da edição: o tratamento do *corpus* textual, os elementos complementares e a fixação do texto na página. O capítulo “Dentro do Texto” será dedicado às questões textuais – aos dilemas internos do texto – que se apresentaram no decurso da primeira e segunda revisões, problemas tanto a nível tipográfico, como de tradução e de modernização de certas expressões e vocábulos; está organizado em três pontos que reflectem questões distintas: a estrutura, o tipo de alterações e, devido à complexidade do problema, o terceiro ponto é dedicado às questões da tradução. O capítulo “No Limiar do Texto” tratará a produção dos elementos paratextuais, incluídos nesta nova edição, como a recuperação da Introdução de Daniel C. Dennett, que consta da edição inglesa original, ou o poema em epígrafe, assim como o processo de escrita dos textos de badana e contracapa, folha de rosto, cortinas de capítulos, além das questões de paginação, com a introdução das primeiras e as segundas emendas, etc. Este capítulo também se encontra subdividido, agrupando os elementos paratextuais em função da sua similitude – elementos editoriais, de introdução e periféricos à página *per se* – e uma última divisão para abordar a paginação. O processo de edição não é definido por uma trajectória linear, e as etapas acumulam-se ao invés de se sucederem, pelo que a estrutura interior

---

<sup>4</sup> Como por exemplo, a actualização da palavra «Czar»: nas edições de '52 e '82, surge “Tzar da Rússia” (p.23 e p.20, respectivamente) enquanto na edição de 2006, “Czar da Rússia” (p.23). Na primeira revisão desta nova edição também foi actualizado para «czar», visto que tinha por base o texto de '82.

aos capítulos do presente relatório está de acordo com uma organização temática, e não deve ser entendida de forma cronológica, visto que durante o trabalho com o texto a sobreposição de exercícios editoriais é constante.

Assim sendo, a estrutura corresponde, *grosso modo*, aos níveis intratextuais e paratextuais da actividade editorial, com bibliografia de apoio a cada tema: há grande diversidade de fontes bibliográficas a que recorri para as questões intratextuais, entre linguísticas e críticos textuais, dos quais destaco Greetham, McGann e Maria Antónia Coutinho, Walter Benjamin e George Steiner para as questões de tradução e Gerard Genette para os conceitos paratextuais. Além destes nomes, foram igualmente consultados usuais de gramática, dicionários de termos literários e linguísticos e prontuários.

## Dentro do Texto

*“To read fully is to restore all that one can of the immediacies of value and intent in which speech actually occurs. There are tools for the job. A true reader is a dictionary addict.”*

George Steiner

O editor é, antes de mais, o leitor de primeira instância. Determina a forma como o texto é apresentado e, por conseguinte, recebido pelos leitores. A definição comunicativa de todos os actos de linguagem, determinados pelo seu espaço físico e temporal, implica que o editor seja, primeiro, um intérprete do texto, um leitor das suas especificidades e funções, decifrador do sentido ou da radical ausência de sentido. Editor, revisor ou tradutor, sejam entidades diferentes ou assumidas pela mesma pessoa, procuram a melhor forma de trazer à luz o texto, de fixar algo que por natureza é mutável e fluido. Por base está a mesma matéria, a palavra, a sucessão de unidades semânticas constituintes de um todo, que irá participar com outros e formar tradição e cânone. O texto é, por si só, um conglomerado de palavras dispostas na página, cuja aparência de unidade lhe é inculcada pelo editor e pelo processo de edição e publicação.

Preparar um texto para a leitura é uma actividade multifacetada, com uma multiplicidade de questões e dilemas, resolvidas também a partir da sensibilidade e para além da experiência linguística e cultural do editor. Ao longo deste capítulo serão enunciadas algumas das questões suscitadas pela primeira e segunda revisões de *A Conquista da Felicidade*: das resoluções mais pacíficas, como a correcção de erros tipográficos e de digitalização ou limpeza de caracteres estranhos, consequência da incorrecta leitura da superfície do texto pelo *scanner*, às questões de maior complexidade como as de tradução. A organização interna deste capítulo prevê, assim, três momentos, de forma a deslindar e explicitar as modificações mais relevantes ao texto-base, a nível intratextual, no decorrer de ambas as revisões: a abrangência da intervenção editorial, numa abordagem do texto a partir da escala correcção/alteração, da tradução, e, sem demora, as questões de organização textual, a nível dos capítulos e dos parágrafos.

De forma a simplificar as referências bibliográficas, as páginas indicadas no corpo do texto correspondem às da sexta edição de *A Conquista da Felicidade* de '82, a que pertence o texto que foi revisto e serviu de base à nova edição da Relógio d'Água, enquanto que as restantes edições, tanto as portuguesas de 1952 e 2006 e a inglesa de 2013, estão indicadas em nota de rodapé.

## **A Estrutura**

Bertrand Russell explicita no seu prefácio ao que vem: este é um livro para todos aqueles que almejam uma vida feliz, mas que, por uma ou outra razão, lhes parece inalcançável. Em *A Conquista da Felicidade*, sujeito e autor confundem-se, num estilo coloquial e nada erudito, como uma conversa entre pai e filhos. Tudo o que se segue é um conjunto de princípios para adquirir «o gosto de viver» e a harmonia interior, baseados na experiência pessoal de Russell, e culmina no capítulo onde discorre sobre “O homem feliz”, mas é também um ensaio sobre os vícios da sociedade moderna e a sua influência sobre o indivíduo. Isto é importante na medida em que o define como um texto não literário, com uma tradição e funcionalidade próprias, mas como já anteriormente referimos dotado igualmente de particularidades a que é necessário atender, nomeadamente a nível da sua disposição:

*“A haver regularidade textual, ela encontrar-se-á na previsibilidade associada ao género – enquanto estruturação composicional conhecida e reprodutível. Mas essa previsibilidade poderá ver-se reduzida (eventualmente anulada) pelo carácter não repetível que é, em última análise, o de cada texto. Na ambivalência entre reprodução e criação de género emerge a figura do texto, ou a sua disposição particular – a ser vista em última análise, como uma questão de estilo (...)”* (COUTINHO 2003: 346).

Do ponto de vista da sua estrutura, *A Conquista da Felicidade* divide-se em duas partes: “As Causas da Infelicidade” e “As Causas da Felicidade”. Dentro de cada parte, encontramos uma subdivisão em capítulos – nove na primeira e oito na segunda – onde o autor, filósofo, percorre os diversos factores que por um lado dificultam e que por

outro contribuem para o alcance da felicidade. Cada capítulo trata um factor, ou sentimento, diferente; organizados tematicamente, há uma delimitação física, marcada pelo título no início e pela quebra de página no fim, dos objectos a tratar, explicitamente evidenciados ao leitor. É assim na edição original, em inglês, foi assim nas sucessivas edições da Guimarães Editores e assim se manteve nesta edição da Relógio d'Água.

Dentro dos capítulos, contudo, a disposição dos parágrafos mereceu atenção, dado que o texto da edição de '82 da Guimarães segue um critério diferente no que concerne a abertura de parágrafos daquele que foi seguido pela edição original em inglês. No texto em português a abertura é mais frequente, cada parágrafo mais curto; é critério da Relógio d'Água seguir o mais fielmente possível o original, pelo que a disposição de parágrafos foi reposta. Depois de paginado, o texto fica com uma média de um ou dois parágrafos por página, ao contrário das edições da Guimarães em que há duas ou três entradas por página.

A aplicação do Acordo Ortográfico legalmente em vigor é outro dos aspectos diferenciadores entre as edições da antiga editora portuguesa de Bertrand Russell e a Relógio d'Água, que tem vindo a editar algumas obras já com a nova ortografia.

## **Correcção/Alteração**

### ***– as subtilizas da intervenção editorial***

Da hierarquização das questões textuais surge o binómio correcção/alteração. Os dois pólos da escala significam diferentes graus de intervenção editorial, com diferentes implicações textuais, onde de um lado apontamos os erros inadvertidos, “*plain mistakes – classically, inadvertent typographical or scribal deviations*” (MCGANN 1991: 65), e de outro as alterações editorialmente conscientes, influenciadoras de sentido e disposição do texto. Evidentemente, não são mutuamente exclusivos, tendo o mesmo texto necessidade de diferentes tipos de intervenção. O saneamento dos erros tipográficos é, quiçá, dos processos mais pacíficos, enquanto que, por exemplo, a disposição dos parágrafos num texto traduzido depende das directrizes da casa editorial, que poderá modificá-la ou mantê-la tal como no original.

A digitalização do texto da edição de '82, e a posterior conversão deste ficheiro de imagem para um formato de texto (*Rich Text Format*), introduziu caracteres estranhos ao texto original. O chamado OCR (ou Reconhecimento Óptico de

Caracteres) afecta desta forma a transmissão do texto, tal como as distrações dos copistas medievais ou erros do processo tipográfico, e produz alterações no texto que interessam inverter, pois a *“crítica textual es el arte que tiene como fin presentar un texto depurado en lo posible de todos aquellos elementos extraños al autor. Deberá atender, en primer lugar, a los errores propios de la copia”* (BLECUA 1983: 18-19). Os erros são sobretudo troca de letras por algarismos ou caracteres similares, troca de sinais de pontuação e acentos, perdas de itálicos em citações e títulos de obras; por exemplo, a palavra «toma» transforma-se em «torna», «capital» em «capitai», os acentos agudos transformam-se em acentos de circunflexo, o til em acento grave e palavras sem acento ganham tremas.

Estes erros foram gerados pela conversão do ficheiro, mas no processo de digitalização há que ter igualmente em conta os erros tipográficos da própria edição de '82, que permanecem e são vertidos para as provas a rever; se em alguns casos a correcção é instintiva, há erros que tornam o texto ininteligível e alteram o seu sentido. Num mesmo parágrafo encontramos dois exemplos claros: a frase “Algum tempo gasto a aprender a apreciar os factos no seu justo valor é tempo perdido” deveria estar na forma negativa, “não é tempo perdido”, e onde se lê “o seu Eu para estimular aeneria” deveria ler-se “o seu Eu para estimular a sua energia.” (p.193). Estes erros passaram para as provas, e através da comparação com o texto original em inglês foi reposto o sentido da frase. A edição de '82 tinha também algumas perdas e repetições de texto:

“Di-lo-á com toda a sinceridade, pois pensa assim. Em certo sentido isso é verdade, pois pensa assim. Em certo sentido isso é verdade, mas noutro, e muito importante, essa afirmação é profundamente falsa.” (p.38)

e

“A doutrina da resignação[\*] do esforço tem sido defendida por peritos da eficiência e por cristãos vigorosos” (p.185)



O sublinhado é uma repetição que foi suprimida na primeira revisão e o asterisco marca o momento em que falta este pedaço de texto: «tem sido defendida por santos e místicos, a doutrina»<sup>5</sup>.

Outro tipo de alteração foi a tradução do nome de Espinosa – relativo ao filósofo holandês – que aparecia como no inglês, Spinoza, não só na edição de ‘82 mas também nas anteriores e consequentes e a correcção no nome de Leibniz – Leibnitz em todas as edições da Guimarães. Todavia, mais significativas e recorrentes foram as alterações de preposições e pronomes em várias expressões e de ordem das frases. Exemplificando o primeiro tipo: o «na» de “pelo menos uma vez na semana” foi substituído por «por», “Em minha opinião” foi revisto para “Na minha opinião” e o pronome «nos» em “Se a todos fosse dado o poder mágico de ler nos pensamentos dos outros” (p.92) foi alterado para o artigo «os». No excerto “Ninguém deve recear que ao optar pela razão torne triste a vida. Ao contrário, pois a razão consiste, em geral na harmonia interior” (p. 88) a expressão «ao contrário» foi revista para «pelo contrário». Da mesma forma, expressões como “jogar o xadrez” ou “o golfe” perderam o artigo. A alteração da ordem dentro da frase surge pela necessidade de melhorar a compreensão e a fluidez de certas orações; é exemplo a passagem “Sabe mesmo tirar proveito das experiências desagradáveis.” (p. 131) – no original “*Even unpleasant experiences have their uses to him*”<sup>6</sup> – alterada para “Sabe tirar proveito mesmo das experiências desagradáveis” e o adjetivo «moderno» em “Um dos defeitos do moderno ensino superior” (p.180) foi deslocado para depois de «ensino superior».

Outro excerto do capítulo XVI peca pela concordância de géneros:

“Algumas pessoas são incapazes de suportar com paciência esses pequenos dissabores que compõem, se a isso lhes dermos azo, uma grande parte da nossa vida. Ficam furiosos quando perdem o comboio, cheios de raiva quando o jantar está mal cozinhado, desesperados quando o fogão enche a casa de fumo, e proferem ameaças terríveis contra toda a organização industrial quando a roupa tarda a chegar da lavandaria.” (p.191)

---

<sup>5</sup> É de referir que na edição de 2006 da Guimarães Editores estes erros, gralhas tipográficas da edição de ‘82, também haviam sido corrigidos.

<sup>6</sup> RUSSELL, Bertrand. *The Conquest of Happiness*. Liveright Publishing Corporation. 2013. p. 124

Aqui, «pessoas» é sujeito, *ergo* os adjectivos da oração seguinte deveriam ser igualmente femininos. Deste modo, a revisão trabalhou no sentido de corrigir este tipo de incongruências, para que as orações estejam de acordo com as regras da coerência de géneros. Contudo, as questões textuais deste parágrafo não se esgotam nesta discordância, o que nos conduz aos problemas da tradução, aos seus méritos e deméritos.

## **Aspectos da Tradução**

### **– a fragmentação depois de Babel**

A tradução é um exercício vital para a edição, pois quando lidamos com um texto originalmente escrito numa língua que não a nossa língua materna deparamo-nos com várias questões que podem colocar em causa a recepção do texto junto do leitor. As filosofias e os métodos de abordagem diferem na demanda da fidelidade à palavra do original ou a busca pela liberdade do tradutor aquando a transmissão da essência do texto; diferem até mesmo sobre a possibilidade e veracidade ou impossibilidade e logro da tradução. A teoria da tradução é muito complexa e, em certos autores, interliga-se com a teoria da própria linguagem.

Walter Benjamin teoriza sobre a essência da tradução, onde o conceito de *pure language*, que Steiner explica como “*the hidden spring seeking to force its way through the silted channels of our differing tongues*” (STEINER 1975: 64), é a pedra de toque; a tradução não visa a representação ou comunicação mas a criação de efeito do texto original, ao pretender atingir o estado da linguagem universal, em que as diferentes línguas do mundo se reunirão – é alfa e ómega. Assim, a tradução não é tanto a representação de significado, é o fio que no entretanto une os fragmentos da linguagem humana. Benjamin admite a transitoriedade da tradução no sentido em que a linguagem é, na sua essência, intraduzível<sup>7</sup>, e algo permanece sempre estranho à língua de chegada, estranheza e «estrangeireza» necessárias para que na língua de chegada se imprimam elementos da outra, enriquecendo-a, visto que o objectivo não é fazer parecer que o texto pertence, originalmente, à língua para a qual foi traduzido. O elemento de alteridade é crucial.

---

<sup>7</sup> “*This, to be sure, is to admit that all translation is only a somewhat provisional way of coming to terms with the foreignness of languages. An instant and final rather than a temporary and provisional solution of this foreignness remains out of the reach of mankind*” (BENJAMIN 1969 :75)

Steiner atribui à tradução, à capacidade do ser humano de se mover entre línguas, o poder da libertação do indivíduo. Em *After Babel*, escrito há quarenta anos mas ainda com uma vitalidade brutal, a tradução é quadripartida<sup>8</sup> nos conceitos de *trust*, ou confiança na existência de significado, acreditar que a transferência não será oca é o primeiro passo; *aggression*, no sentido em que a tradução disseca, é intrusiva de forma a compreender e extractiva para transpor sentido; *embodiment*, ou incorporação dos elementos estranhos à língua de chegada transmitidos no acto da tradução, em que a assimilação vai dos extremos da completa domesticação do texto à conservação da estranheza da língua estrangeira, embora Steiner partilhe com Benjamin a ideia de que a influência da língua de partida valoriza a língua de chegada, quando adaptada correctamente; e *restitution*, um movimento de reciprocidade entre tradutor e o texto original de forma a balançar o acto intrusivo da tradução, e compensar o que do texto retirou, ao elevar as traduções ao mesmo plano do texto original, que é enriquecido pelo seu eco, mas não pela simulação, deslocado para outras línguas – “*the mirror which not only reflects but also generates light*” (STEINER 1975: 301). A fidelidade ao texto original sucede apenas quando o tradutor restaura o equilíbrio de forças entre os dois, em que a energia do significado se move nos dois sentidos, reciprocamente. Entender o texto traduzido enquanto entidade independente do seu original é fundamental para que esta ligação se mantenha dual.

A tradução é ao mesmo tempo possível e impossível; sobretudo, não é, em tempo algum, final. O arco de comunicação entre língua de partida e língua de chegada, perfeito ou imperfeito que seja, é um acto de interpretação. Quando uma mensagem é transmitida de uma certa língua de partida para outra de chegada é através de um processo de transformação, em que o tradutor é o elo entre os dois textos, intermediário de uma verdade, dotado de meios auxiliares, sejam dicionários e gramáticas, e a sua experiência cultural e linguística. O exercício da tradução, tal como o da edição, é perfeitamente subjectivo; no que concerne esta tradução em particular, surgiram algumas questões que, à semelhança da alteração de ordem das frases, tratadas anteriormente, implicavam certas limitações do texto em português. Estas alterações deram-se no sentido de simplificar, de tornar certas passagens mais fluidas, porque, acima de tudo, entendemos que o texto tem de funcionar o melhor possível na língua de

---

<sup>8</sup> A definição da tradução nestes moldes permitirá ultrapassar o paradigma da tríade literalismo/paráfrase/imitação livre, que Steiner sustenta não ter fundamentos filosóficos ou precisão teórica.

chegada, porquanto “*it is always a communication limited by its address to a specific reading audience*” (VENUTI 1995: 19). E o que funcionava num determinado período pode já não funcionar em períodos consecutivos, imprimindo o efeito de passagem do tempo num texto que se quer manter actual. Este efeito é colmatado pela revisão, ao impedir que a tradução seja espelho, mero reflector, do texto original, ao invés de um texto preparado para um público leitor em português. Dada a centralidade do leitor nesta obra específica, colocado nessa posição pelo próprio autor, é necessário adoptar uma postura crítica à tradução de forma a elevar, tanto quanto possível, o texto e, consequentemente, a prosperar a sua leitura com uma edição cuidada, apurada.

Há algumas passagens nesta tradução de *The Conquest of Happiness* que produzem um efeito de resistência à língua de chegada, e a revisão trabalhou no sentido de a suavizar; na primeira revisão foram feitas algumas modificações, mas a segunda foi mais interventiva neste aspecto. No seguimento do parágrafo que demos como exemplo anteriormente, encontramos um caso óbvio de literalidade na expressão «quero significar», presente no excerto “Não quero dizer que não tome as medidas necessárias para remediar esses problemas, se tiver tempo para isso, quero apenas significar que o deve fazer sem emoção” (p. 191); no original, há a repetição do verbo *to mean*:

*“I do not mean that he takes no steps to remedy these matters, provided he has time to do so; I mean only that he deals with them without emotion.”*

enquanto que na tradução, suponho que para evitar essa mesma repetição, na primeira oração «*I do not mean*» foi traduzido para «não quero dizer» mas, na segunda, «*I mean only*» é vertido para «quero apenas significar». Neste contexto, significar não deve ser conjugado no infinitivo com o verbo querer, a forma «querer dizer» é mais adequada, e tendo sido anteriormente utilizada, foram apagados os dois vocábulos – querer e significar – para evitar a repetição. O já mencionado excerto “Um dos defeitos do moderno ensino superior”, que no original se lê “*It is one of the defects of modern higher education*”, é outro dos casos em que a estrutura da frase é perfeitamente correspondente à do original, a despeito de uma construção frásica mais livre que, no entanto, serviria melhor a sua recepção.

Contudo, o contrário também acontece e a páginas tantas deparamo-nos com a inversão desta abordagem. Em:

“Não somos indiferentes às dores das pessoas que estimamos. Penso, contudo, que o receio da desgraça, ainda que oposto à simpatia testemunhada por uma desgraça que realmente sucedeu, deve representar um papel tão pequeno quanto possível na afeição.” (p. 145)

a parte sublinhada é um exemplo de como a tradução pode induzir em erro ao tornar a frase incongruente. No original lê-se:

*“We do not feel indifferent to the hurts of people whom we love. I think, however, that apprehension of misfortune, as opposed to sympathy with a misfortune that has actually occurred, should play as small a part as possible in affection.”<sup>9</sup>*

«*sympathy*» foi traduzido para «simpatia», «*as opposed*» fica «ainda que oposto» e o vocábulo «testemunhada» não parece ter qualquer ligação com o sentido original da frase. Familiarizados que estamos com o fenómeno dos «falsos amigos», percebemos que este é um caso de palavra armadilhada: «*sympathy*» tem valor de empatia, um sentimento distinto da simpatia que podemos nutrir por uma desgraça, mas em todo o caso não é conceito oposto ao receio, mas opõe-se-lhe na posição que toma na afeição que temos por outro sujeito. Como está, o enunciado induz em erro. A proposta de correcção foi a seguinte: “ao contrário da empatia para com uma desgraça que realmente aconteceu”; e a frase completa, com as alterações:

“Não somos indiferentes às dores das pessoas que estimamos. Penso, contudo, que o receio da desgraça, ao contrário da empatia para com uma desgraça que realmente aconteceu, deve representar um papel tão pequeno quanto possível na afeição.”

---

<sup>9</sup> RUSSELL, Bertrand. *The Conquest of Happiness*. Liveright Publishing Corporation. 2013. p. 163

Avancemos com outro exemplo. Bertrand Russell é exímio no seu estilo apurado, enquanto que na tradução há uma sombra de incongruências e, por vezes, de opções inestéticas, verificáveis no seguinte excerto. Russell escreve:

*“This is undoubtedly desirable from the point of view of the children, but it adds considerably to the fatigue of the man’s life”<sup>10</sup>.*

E José António Machado traduz para: “Isso só é benéfico para as crianças mas aumenta consideravelmente a vida fatigante do pai” (p. 154). O uso do advérbio «só» não parece o mais indicado, existindo outros mais apropriados, porque o sentido não é exactamente esgotar o benefício de viver nos subúrbios nas crianças, mas sublinhá-lo – do ponto de vista das crianças, ter espaço para brincar é muito bom, mas para os pais as horas de ponta entre os subúrbios e a cidade nem tanto – especialmente quando emparelhado com a conjunção adversativa «mas». A correcção fez-se com intenção de clarificar o sentido original: “Isso é bastante benéfico para as crianças, mas aumenta consideravelmente a vida fatigante do pai (...)” – «só» foi alterado para «bastante» e foi adicionada uma vírgula entre as duas orações, pois a frase é longa e sem pausas até ao ponto final mais adiante.

Outras expressões recorrentes são «*rich men*» traduzido para «ricos» e «*the average man*» traduzido para «homem médio», expressões inadequadas e prontamente corrigidas para «ricos» e «homem comum», respectivamente.

Algumas opções de tradução tornam o texto confuso, excessivamente palavroso; por vezes, a simplicidade serve melhor e com poucas palavras se transmite o que há a transmitir, como se vê pelo exemplo, primeiramente verboso, de “nenhum método é benéfico se não se introduz por baixo do plano da consciência” (p. 62), posteriormente revisto para “nenhum método é benéfico se não penetra o plano da consciência”; a alteração vai mais de encontro à letra e espírito do original – “*no method is of much avail unless it penetrates bellow the level of consciousness*”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> RUSSELL, Bertrand. *The Conquest of Happiness*. Liveright Publishing Corporation. 2013. p. 173

<sup>11</sup> *ibidem*. p. 73

## No Limiar do Texto

Gerard Genette conceptualizou o paratexto como sendo “*what enables a text to become a book and to be offered as such to its readers and, more generally, to the public*” (GENETTE 1997: 28), não no sentido de fronteira entre o texto e não-texto mas uma zona de transição e, mais importantemente, de transacção. O paratexto apresenta, confere ao texto a sua materialidade enquanto livro, de forma a ser recebido e lido pelo público; é a margem do rio onde decidimos se vamos mergulhar ou voltar para trás. O paratexto serve, antes de si próprio, o texto – é seu auxiliar e, por isso, é seu subordinado; é esta funcionalidade que determina a sua existência e uso. Genette inclui no conceito de paratexto os elementos que integram fisicamente o livro, que denomina como peritexto, e, igualmente, os elementos produzidos sobre ele, sejam entrevistas, críticas ou notícias, os chamados epitextos.

No decorrer deste capítulo, o enfoque será a primeira categoria paratextual, o peritexto, nos seus diversos modos – contracapa, badana, folha de rosto, epígrafe, prefácio, introdução, intertítulos, notas de rodapé, paginação.

### Paratextos Editoriais

O editor, ou a casa editorial, é responsável por grande parte do peritexto, como a escolha dos materiais, o formato do livro, o formato tipográfico, e a produção de elementos da capa, da folha de rosto, índices, etc.; ou seja, o editor é quem define o peritexto puramente externo, com a sua vertente espacial e material, necessário à execução, apresentação e publicação do livro, enquanto entidade física, nunca descorando a noção de que o código bibliográfico, a par do código linguístico, determina a recepção e a leitura do texto. Esta associação entre peritexto e editor é historicamente recente e consequência do paradigma pós-Gutenberg; foi com a invenção da imprensa que as convenções paratextuais se generalizaram.

*A Conquista da Felicidade* fará parte da colecção de Filosofia da Relógio d'Água, pelo que a escolha do formato está determinada à partida: em modo *paperback*, capa mole, perto do A3; portanto, uma estrutura idêntica à das restantes obras publicadas na série de Filosofia, definida também para o modelo da capa que contém o

nome do autor, título, ilustração, editora. A capa e os seus desdobramentos são um elemento paratextual muito importante na vida do livro enquanto primeiro contacto do leitor com o objecto, seja na estante da livraria ou no *feed* de notícias de uma qualquer rede social; este primeiro contacto influencia a relação leitor-livro na medida em que determina o primeiro impulso de tirar o livro da estante, ou clicar no *link*, seja por interesse na obra daquele autor, ou da editora, ou porque a capa é apelativa o suficiente para despertar interesse. O movimento capa/contracapa é o mais recorrente quando manuseamos um livro pela primeira vez: se a informação da capa capta a atenção do leitor, a contracapa funciona para a prolongar – tem de manter o interesse e, por conseguinte, fazer com que o leitor abra, então, o livro.

A produção da capa e contracapa não é uma ciência exacta, pelo que não há fórmulas precisas sobre o que incluir; os elementos variam no contexto temporal e espacial, e em função da editora, diferem também entre colecções, entre géneros, entre autores. Todavia, comum a todos os modelos de apresentação de capa e contracapa é os critérios de adequação e coerência para com o texto em si, a editora e o público-alvo. Tendo isto em mente, o texto de contracapa (ver texto integral no Anexo 1) de *A Conquista da Felicidade* consiste de duas partes: uma sinopse, breve, sobre o texto, a sua estrutura e o que dele esperar, além dos principais pontos de interesse, um deles o tema eterno da felicidade e a sua procura; e uma citação do texto introdutório que consta nesta edição. Estes elementos funcionam como ponto de partida para o leitor, informando-o sobre o autor e a data da obra (“na altura da primeira edição, em 1930”), a temática, o tom e estilo (“em *A Conquista da Felicidade* um projeto, livre de julgamentos morais, para a conquista de uma vida feliz” e “partindo da própria experiência de vida de Bertrand Russell e sem pretensões de erudição filosófica”). Toda esta informação, concisa e bem formulada para manter o interesse do potencial leitor, expõe a edição pela primeira vez ao público, e pode ser reaproveitada, por exemplo, como sinopse de apresentação no *site* da editora, dos livreiros, etc. A par da informação do texto de contracapa, surge a do texto das badanas (disponível na íntegra no Anexo 2), que à semelhança de outras edições, trata a biobibliografia de Bertrand Russell: datas e locais de nascimento e morte, pontos biográficos mais interessantes, o seu activismo político, as honras e méritos que recebeu, entre eles o Nobel da Literatura, as diferentes disciplinas em que se destacou – matemática, filosofia, ciências sociais – e uma pequena lista de obras publicadas nessas respectivas áreas em inglês e em português, quando



editadas por cá. *A Conquista da Felicidade* é, desta forma, contextualizada no conjunto da obra de Russell, que é de facto muito variada e académica, e da sua vida, onde sempre demonstrou preocupações sociais e políticas.

Ao abrir o livro, o leitor depara-se com a página de título e a folha de rosto nas primeiras páginas ímpares e com a ficha técnica no verso da página da folha de rosto. Tal como o nome indica, a página de título indica apenas o título enquanto a folha de rosto exhibe a informação, novamente, do nome do autor, do título e, pela primeira vez, a informação da colecção em que a obra se insere, no fim da página. A página par imediatamente a seguir fornece as informações técnicas sobre a obra, como o título original e a data da primeira edição, neste caso *The Conquest of Happiness* de 1930, a informação do *copyright*, assim como os créditos de tradução, revisão, capa, a data e local de impressão, mas também o ISBN e a indicação de que a edição segue o novo Acordo Ortográfico. Estas indicações não só dão crédito a quem, para além do autor, trabalhou o livro, mas dão as referências bibliográficas para que o livro possa ser catalogado e tenha vida no mundo.

## **Epígrafe, Prefácio, Introdução**

### **– guias de sentido**

O poema em epígrafe é parte de *Leaves of Grass* (Book III – Song of Myself)<sup>12</sup> de Walt Whitman, e vale a pena citá-lo no original, tal como está na edição de *The Conquest of Happiness*:

*“I think I could turn and live with animals, they are so placid and self-contained,  
I stand and look at them long and long.  
They do not sweat and whine about their condition,  
They do not lie awake in the dark and weep for their sins,  
They not make me sick discussing their duty to God,  
Not one is dissatisfied, not one is demented with the mania of owning things,  
Not one kneels to another, not to his kind that lived thousands of years ago,  
Not one is respectable or unhappy over the whole earth.”*

---

<sup>12</sup> Disponível online em <http://www.gutenberg.org/files/1322/1322-h/1322-h.htm>

Genette indica quatro possíveis funções para a epígrafe: a de comentar o título e o texto, a de ter um apoio de um autor reverenciado e, finalmente, de marcar o tempo da obra e também o tom, que acompanhará o leitor ao longo da sua leitura. Neste sentido, a epígrafe serve um propósito prospectivo, determinando de certa forma como o texto será lido. O exemplo de *A Conquista da Felicidade* é paradigmático na forma como a sua epígrafe funciona como porta de entrada para o resto da obra, ao imprimir no leitor um certo tom e elucidação sobre as páginas seguintes. Bertrand Russell dirigiu-se ao homem comum para lhe sugerir uma forma de ultrapassar a sua infelicidade e conseguir recuperar o que Russell chama de «gosto de viver»; e fá-lo, ao analisar todas as causas e ao propor soluções, sem comiseração por si e pelos seus leitores, focando-se no que se pode alterar introspectivamente. Do que retiramos da epígrafe é o ênfase desse mesmo espírito, irónico para com o lamento em nome próprio, que Russell irá usar para delinear *A Conquista da Felicidade*. A epígrafe consta igualmente nas edições da Guimarães Editores, contudo, numa tradução que não foi reaproveitada (ver poema no Anexo 3) para esta nova edição. Em vez disso, usou-se a tradução de Maria de Lourdes Guimarães, retirada de *Folhas de Erva* da Relógio d'Água Editores (ver Anexo 4), vencedora do Prémio de Tradução do PEN Club em 2002.

Esta explicitação é continuada com o prefácio do autor; este prefácio surgiu logo na primeira edição de *The Conquest of Happiness* e foi incluído nas edições subsequentes, tanto em inglês como em português, na Guimarães Editores. Da mesma forma, o prefácio continua a preceder o texto em si nesta edição de 2015. Nestas linhas, Russell expõe os seus objectivos: de ajudar todos aqueles que querem transformar a sua vida e serem felizes; trata também os seus métodos ao explicar que os ensinamentos ali reunidos não são mais que aqueles que reuniu ao longo da sua vida. Dirige-se ao leitor, e a um tipo de leitor que ele próprio explicita, e define a forma como o livro deve ser encarado, a que luz devem ser entendidas as suas afirmações. O prefácio é o elemento paratextual de excelência para definir a intenção autoral, pois é um espaço onde o autor pode assumir (ou esconder ou mentir) ao que vem, antes da leitura do texto propriamente dito, moldando *a priori* a percepção do leitor, e Russell faz pleno usufruto deste reduto. Explica o porquê da sua escrita, quando diz que é por acreditar que todos podem encontrar a felicidade e a alegria nas suas vidas – e que ele, Bertrand Russell, pode ajudar através da sua sapiência acumulada – que reuniu estas suas «receitas para

uma vida feliz». A função prefacial de induzir os seus leitores na forma mais acertada de encarar o resto do livro é, desta forma, plenamente cumprida; o porquê também.

Além do prefácio, há outro elemento que serve de introdução ao livro em mãos: precisamente o capítulo introdutório, escrito por Daniel C. Dennett<sup>13</sup> e que consta na edição inglesa de 2013, portanto posterior à mais recente edição da Guimarães Editores, e, conseqüentemente, não incluída em nenhuma edição portuguesa, até agora. Dado o afastamento temporal desde a primeira edição em 1930, o filósofo contemporâneo dá a conhecer, nesta introdução, a obra de Bertrand Russell a uma geração que não contactou directamente com o pensamento e a notoriedade cívica e política de Russell; contudo, esta não é apenas uma introdução pedagógica ou académica, é também uma análise crítica quando Dennett aponta as idiossincrasias e a desactualização de certas noções expressas por Russell, que contudo não desvalorizam o interesse global do texto – imprimem até um interesse acrescido. Num contexto sociocultural, em que os livros de auto-ajuda são tão populares, Dennett considera *A Conquista da Felicidade* o seu mais interessante protótipo e Russell um pioneiro deste género. A Introdução funciona, assim, tal como o prefácio, como guia de leitura; a diferença reside no tempo, no propósito e para quem foram escritas. Se o prefácio autoral, publicado simultaneamente com a obra, se dirige aos primeiros leitores de Bertrand Russell, na Introdução há a intuição de a reorientar para as novas gerações e fabricar novos leitores, alertando-os para o efeito da passagem do tempo nas ideias contidas em *A Conquista da Felicidade*. A Introdução, aqui de forma mais desenvolvida que o prefácio, informa o leitor de uma multiplicidade de questões relacionadas com o texto e o seu contexto, antecipando a leitura e enfatizando a sua pertinência.

### **Na Periferia da Página**

Quando lida com paratexto, Genette também inclui nesta lista de elementos os intertítulos: os títulos de capítulos, de ensaios dentro de uma colecção, dos contos ou novelas dentro de uma colectânea. Será pertinente fazer aqui uma referência aos títulos dos capítulos de *A Conquista da Felicidade*, que se relacionam com a estrutura da própria obra.

---

<sup>13</sup> Daniel C. Dennett (n. 1942) é um filósofo norte-americano, com trabalhos sobre a Filosofia da Mente e da Ciência, e professor na Tufts University.

A primeira divisão dá-se em duas partes, já anteriormente referida: uma primeira intitulada «As Causas da Infelicidade» e uma segunda que trata «As Causas da Felicidade». Em cada uma destas partes há uma subdivisão em capítulos, e cada capítulo trata de um aspecto diferente seja do que causa a infelicidade ou incita a felicidade. Por exemplo, o primeiro capítulo intitula-se “O que Torna as Pessoas Infelizes?” e o segundo “A Infelicidade Byroniana”; os restantes nomeiam factores para a infelicidade como “A Inveja” ou “A Fadiga”. Da mesma forma, a segunda parte dedicada às causas da felicidade abre com a interrogação “A Felicidade Ainda É Possível?”, e fecha com um capítulo conclusivo sobre “O Homem Feliz”; entre estes, surgem os capítulos sobre “O Gosto de Viver”, “A Família” e “Os Interesses Impessoais”. Por aqui denotamos de imediato a identificação temática de cada intertítulo com o conteúdo de cada capítulo, e ao encarar o índice encontramos quase uma lista de factores que contribuem para os dois estados de alma. Tal como já referido neste relatório, a divisão e os nomes de capítulos permaneceram inalterados.

Questão mais complexa foi a das notas de rodapé. Na edição inglesa, as notas de rodapé são notas do Autor, enquanto que na edição da Guimarães Editores há dos dois tipos – do Autor (*N. A.*) e do Tradutor (*N. T.*); contudo, apenas uma das notas está devidamente assinalada, uma *N. T.*, a terceira ocorrência em pé de página. A primeira e a segunda nota de rodapé que encontramos na edição de '82 não têm qualquer indicação de pertença; sabemos que a primeira é do Autor enquanto que a segunda é do Tradutor apenas pela comparação com o texto original, visto que as *N. T.* não contam no inglês, pelo que ao preparar esta edição a lacuna foi corrigida e as notas devidamente distinguidas. A sinalização das chamadas ao pé de página é feita, nas anteriores edições portuguesas, por numerais não sequenciais (na totalidade são quatro notas – duas de Autor e duas do Tradutor), enquanto que nesta edição, as chamadas de rodapé são numeradas continuamente. Outra questão foi o desaparecimento de uma *N. A.*, relativa a uma fonte bibliográfica de uma citação presente no corpo do texto, inscrita na edição inglesa, mas não nas portuguesas, pelo que foi aqui reposta. A natureza das notas é bibliográfica ou informativa – podem indicar a fonte de determinada citação ou desenvolver alguma ideia do texto, como é o caso da primeira *N. A.* referente a uma passagem sobre o Eclesiastes e Salomão; neste exemplo, a chamada de nota encontra-se em Salomão e remete para a seguinte consideração: “É evidente que o *Eclesiastes* [sic] não foi realmente escrito por Salomão, mas é cómodo citar o autor por este nome.” (p.

27). A nota seguinte<sup>14</sup>, que se infere ser do Tradutor embora não esteja assinalada, explica ao leitor português que Kensington é um “Bairro burguês de Londres” (p. 106).

Conceptualmente, as notas de Autor encontram-se naquilo que Genette denomina como as franjas do paratexto, ou seja: como podem ser consideradas extensões do texto *per se*, não muito diferentes se se encontrassem simplesmente entre parêntesis, não atingem uma função paratextual tão explícita quanto, por exemplo, as notas editoriais. Mas remata com a alusão à própria indefinição de paratexto:

*“This situation, I must make clear, is not at all paradoxical, and still less is it perplexing: if the paratext is an often indefinite fringe between text and off-text, the note – which, depending on type, belongs to one or the other or lies between the two – perfectly illustrates this indefiniteness and this slipperiness. But above all, we must not forget that the very notion of paratext, like many other notions, has more to do with a decision about method than with a truly established fact.”* (GENETTE 1997: 369)

## A Página

Uma das responsabilidades da casa editorial é a fixação do texto do ponto de visto intratextual, mas também a sua fixação na superfície da página, o que acontece através do processo de paginação. Mais do que ordenar e numerar páginas, este é um processo em que a componente visual e semântica do texto se fundem, convergentes na produção de sentido, de forma a contribuir para a melhor recepção e leitura do texto. Todo o miolo passa pelas mãos do paginador, cuja função é agrupar todos os elementos constituintes do futuro livro, sequenciá-los, e transformar o que antes eram elementos dispersos numa unidade gráfica, a ser consumida pelo leitor. Garantir um texto livre de gralhas, e de acordo com as regras da Língua, não é o suficiente para proporcionar uma agradável experiência de leitura: a componente visual do texto é fundamental na transmissão de sentido e na manutenção de uma relação saudável entre o leitor e o texto em mãos. O equilíbrio entre conteúdo e forma, entre o que dito e como é transmitido, resulta no modo de assimilação do texto, e por conseguinte na sua longevidade.

---

<sup>14</sup> Esta segunda nota de rodapé entretanto desapareceu e já não se encontra na edição de 2006 da Guimarães Editores.

Uma das principais preocupações quando se pagina é garantir a legibilidade, pois más decisões a nível das fontes e do tamanho, do espaçamento entre caracteres, entrelinhas, etc., podem influenciar negativamente a recepção do texto. A legibilidade do texto é consequência de diversos factores intrínsecos a cada carácter, a cada letra, nomeadamente o corte, as serifas, o contraste, a cor, o peso, o corpo, as características individuais de várias letras; existe consenso na afirmação que os tipos serifados contribuem para a melhor legibilidade, pois produzem um efeito de continuidade no texto, e agrupam cada carácter da palavra aos olhos do leitor; a leitura do texto progride palavra a palavra, bloco a bloco. Igualmente importante é o contraste entre espaços positivos e negativos: a leitura faz-se das formas e contraformas, com a ocupação ou silêncio dos espaços. Para isto contribui o equilíbrio no desenho da letra entre os espaços interior e exterior de cada carácter, o espaçamento entre cada um (o *tracking*), o espaçamento entre palavras e o entrelinhas. Consequentemente, o equilíbrio entre espaços impressos e não impressos é fundamental para a boa recepção do texto.

O processo de paginação d’*A Conquista da Felicidade* concretizou-se através do *software* do Adobe InDesign e a partir da folha de estilos da Relógio d’Água, cuja fonte dominante é o Times New Roman, um tipo serifado muito familiar, o que contribui para a optimização da legibilidade do texto. Todo o miolo foi paginado com este tipo e com tamanho entre os 9 e os 12 pontos, salvo os títulos nas cortinas. No primeiro exercício de paginação, foi aplicada a folha de estilos em todo o corpo do texto, com as entradas de capítulo sempre em página ímpar, e atribuído o número de página através da aplicação das *master pages*, que determinam igualmente o cabeçalho com o nome do autor em página par e o título da obra em página ímpar, excepção feita às entradas de capítulo, às cortinas que definem as partes, índice, folha de rosto, ficha técnica, prefácio, títulos da colecção e demais páginas em branco. Definido o corpo da página é necessário pensar a sua disposição e, por isso, foi prestada atenção à disposição dos parágrafos, de modo a que no início e no fim do esquema de página, assim como na última página do capítulo, não se fixassem linhas solitárias.

Este primeiro momento fixou preliminarmente o texto. Depois de paginado, já com índice, foi impresso e preparado para a segunda revisão do texto, que produziu novas emendas; estas foram posteriormente incluídas num segundo exercício de paginação, que corrigiu os desequilíbrios, a nível da disposição de parágrafos por exemplo, provocados pela mais recente alteração intratextual. Foi nesta fase que foram

incluídos a Introdução, entretanto traduzida da edição inglesa de 2013, e os títulos da colecção de Filosofia, a que *A Conquista da Felicidade* pertence. De novo, o índice e a ficha técnica foram actualizados, o primeiro com os números de páginas agora finais e a segunda com a indicação do *copyright*.

## CONCLUSÃO

À data da escrita deste relatório, *A Conquista da Felicidade* ainda não havia sido publicado. A minha envolvimento na edição deste livro foi vasta: acompanhei-a desde a primeira revisão, quando o texto precisava de uma «limpeza» à conta das gralhas que a digitalização introduz, da mesma forma que a mecanização tipográfica, como erros e falhas de caracteres, até à paginação dos paratextos e das últimas emendas. Através deste processo, apercebi-me de vários dilemas com que se depara um editor (ou um tradutor, ou um revisor, ou um paginador) no decurso da sua intervenção no, e sobre o, texto e na sua publicação; dilemas muito complexos que afectam toda a estrutura global da unidade textual e, por conseguinte, a recepção e a leitura.

Steiner sustenta que “*reader, actor, editor are translators of language out of time*” (STEINER 1975: 28) – seja entre duas línguas distintas ou dentro do mesmo sistema linguístico, a edição é um exercício preponderantemente de tradução, no seu sentido mais abrangente, quer sejam clássicos, renascentistas ou contemporâneos os textos com que lidamos. A procura do melhor texto, do mais incólume, do texto mais perto da intenção autoral, é uma questão de interpretação; mesmo ao aplicar métodos e critérios, o editor não consegue fugir à natureza elusiva do texto e à subjectividade da sua acção sobre ele. E é a partir deste acto de interpretação que o leitor irá conhecer o texto sob a forma de livro, sob uma aparência de unidade. Por isso, a procura da unidade do texto, da sua forma final, é uma busca necessária, mas sempre insatisfeita, pois os limites físicos adquiridos através da materialização do texto em livro não lhe garantem a estabilidade; o texto pode ser fixado na página, mas está em constante mutação e em comunicação com outros textos, outros sistemas linguísticos, novos contextos.

Assim, a consequência desta primeira interpretação é a presença física do livro, recebido através de um circuito editorial de várias etapas. Durante o meu tempo na Relógio d’Água, coincidente com a grande azáfama editorial do Outono, lidei directamente sobretudo com os textos, na sua fase inicial do processo de publicação, mas no decorrer do estágio tive contacto com outras tarefas. A Relógio d’Água tem uma actividade editorial muito intensa e ao longo dessa temporada editou desde ensaio ao romance e poesia, como *Extraterritorial* de George Steiner, *A Amiga Genial* de Elena



Ferrante e *Fogo Pálido* de Nabokov de que reví a introdução de emendas, por exemplo; ou *Voo Nocturno* de Saint-Exupéry.

Cada texto tem de ser abordado como um evento único e singular, ao apresentar-se com todas as suas questões existenciais e à procura de soluções. É um pouco como um puzzle, descoberto peça a peça – que se encaixam e rejeitam – até formar uma imagem final, produzida pela perfeita união de cada fragmento. Todavia, a imagem do texto (ou o seu sentido) nunca é perfeitamente clara, e muito menos final, na medida em que é resultado de um primeiro acto de interpretação, que tolda e molda o texto em determinada direcção.

A experiência de edição de textos literários é diferente da de textos de não-ficção ou até de textos de literatura infanto-juvenil: a preocupação recai em aspectos distintos do texto, na apresentação ou na linguagem, e até a relação com o autor. Rever um texto como *A Conquista da Felicidade* implica forçosamente outros cuidados que, por exemplo, *A Família dos Mumins*, um dos volumes da finlandesa Tove Jansson, criadora de um universo de criaturas fantasiosas, que se envolvem em aventuras extraordinárias. De certa forma, ambos tratam a felicidade: o primeiro trata de explicar como alcançá-la neste mundo concreto e no universo dos Mumins, na boa maneira fabulista, de exemplificar como as acções dos seus protagonistas se reflectem na harmonia das relações com os outros e com o mundo no geral; mas a felicidade tratada, é claro, com linguagens e instrumentos de narração distintos. A primeira diferença é ao nível das ilustrações: Bertrand Russell serve-se apenas das palavras escritas, mas em *A Família dos Mumins* as ilustrações são uma componente vital para a narrativa, dada a sua qualidade de infanto-juvenil. O equilíbrio entre a edição inglesa, a partir da qual foi traduzida a portuguesa, e a edição sueca foi por vezes difícil, devido às diferenças significativas de narrativa entre as duas, ao mesmo tempo que se reflectia sobre o que seria mais adequado para a nossa edição em concreto. Ambos as traduções se aproximavam muito, demasiado, das edições inglesas, pelo que houve um cuidado em aproximá-las um pouco mais da língua de chegada, cuidado redobrado no caso do infanto-juvenil, lido por um público aprendiz ainda da sua língua.

A diversidade no catálogo editorial é razão para reflectir sobre a adequação de abordagem a cada um dos géneros de ficção e não-ficção, e a cada texto. Esta diversidade traduz em igual medida uma diversidade de leitores. Cuidar de cada texto é também pensar a quem se dirige, em quem o vai levantar da estante e ler. Para a

recepção do livro é determinante a forma como este é apresentado ao seu público. O acto de comunicação só se completa no acto de compreensão e leitura, com repercussões em actos de comunicação sucessórios, num gesto de circularidade próprio do universo da leitura. Preparar a edição de um texto como *A Conquista da Felicidade* só faz sentido se do outro lado estiver alguém para o receber, para quem todos os esforços são dirigidos, não no sentido de simplificar, ou «rudimentarizar», o texto mas de destaque no panorama mais vasto da literatura. Quando editamos, destacamos um texto que no nosso entender deve ser lido, deve ser apreendido e relacionado com outros textos, no nosso tempo. A reedição é um constante destaque, um re-chamar do leitor.

O texto não vive no primeiro momento nem sobrevive nos momentos posteriores só por si; o texto é dotado de um contexto, sempre mutável, em que sobrevém. E não se actualiza por si. O paratexto tem aqui um importante papel na manutenção do contacto entre o texto e o mundo, na sua introdução a novos leitores e, conseqüentemente, a novos modos de leitura, pois torna o texto presente. Mais que estético, o elemento paratextual é influenciador e guia de sentido aquando o primeiro contacto; mais que um adorno, é a charneira entre o mundo exterior e o interior ao texto, “*the paratext provides an airlock that helps the reader pass without too much respiratory difficulty from one world to the other*” (GENETTE 1997: 408). O texto fixa-se materialmente na sucessão de páginas, enquadradas pelo paratexto que, nos seus diversos modos, encoraja, informa, convence os indecisos do valor do livro, atrai os leitores a partilhar aquele mesmo espaço que o texto. É decisivo na recepção da obra na comunidade de leitura ao servir de intermediário entre os dois e por isso é fundamental que capte a atenção do leitor, especialmente num contexto tão competitivo como o editorial, em que as montras das livrarias são tão valiosas e o espaço de estante tão finito. Uma capa apelativa, que puxe pelo nome do autor caso seja consagrado, que puxe pelo título caso seja polémico, que puxe pelos prémios literários já recebidos caso seja estreante ou obscuro; na contracapa, a conjugação de vários elementos que incitem ao acto da leitura, como a confirmação de qualidade de revistas ou outras autoridades literárias, a sinopse, outros títulos, ou a sua ausência porque o silêncio também é gesto comunicativo; as estratégias são muitas e procuram enfatizar o que vem dentro: sublinham os méritos do texto e conseguem produzir um efeito de novidade quando são reedições ou novas edições de textos já publicados, como o caso d’*A Conquista da Felicidade*. Aqui procurou-se apresentar o conteúdo do livro, através de uma sinopse de frases curtas e sintéticas,

enaltecedoras do tom coloquial e da *raison d'être* do texto, além de uma citação provocadora retirada da Introdução escrita por Daniel C. Dennett, um académico norte-americano e conhecedor da obra de Bertrand Russell, para uma edição inglesa recente e que destaca como um factor diferenciador em relação às edições anteriores no espaço lusófono.

O paratexto contextualiza também o texto no catálogo, ao imprimir no livro a pertença a um conjunto mais alargado de obras; integra-o na respectiva colecção com quem partilha aspectos paratextuais similares, como o formato, o esquema de capa e respectivos desdobramentos de contracapa, badanas e lombada, as cores, ficha técnica, etc. A questão da pertença e o consequente diálogo com outros textos é muito importante para a definição espacial do texto, e o seu lugar no catálogo, provavelmente o mais importante recurso de uma casa editorial. Um catálogo equilibrado, coerente, que não seja a bibliografia de vida do editor, mas uma colecção de contributos significativos para a comunidade. E qualquer que seja a matriz, o catálogo tem de ser coerente para com a filosofia editorial de cada casa, porquanto a actividade editorial orienta, de certo modo, esta comunidade de leitura, ao produzir os *inputs* que a alimentam. A previsibilidade das edições, ou seja, esperar de certa editora determinado tipo de literatura com um determinado nível de qualidade editorial, é fulcral para a manutenção da relação entre leitores e editora; é uma relação de confiança que se estabelece entre estas duas entidades, que importa preservar através de edições cuidadas e rigorosas.

Ao escrever as últimas linhas deste relatório, *A Conquista da Felicidade* é uma das novidades da Relógio d'Água para o mês de Março. Muito do meu tempo de estágio foi dedicado a esta obra, ao participar nos vários processos necessários à sua publicação; a partir desta perspectiva, possível pelo acompanhamento passo a passo deste livro, dado agora à estampa, procurei reflectir sobre os vários aspectos da edição e do trabalho editorial. A cada texto a rever, a cada revisão de emendas, aprendi um pouco mais sobre a natureza de cada texto e, sobretudo, da elevada responsabilidade posta sobre o editor e os seus parceiros: preparar uma edição, ou coordenar um catálogo, é participar num longo legado de transmissão de conhecimento e histórias, ao tomar parte de uma tradição e formação de literatura, ao mesmo tempo que, influenciadas positiva ou negativamente pelo trabalho do editor e pela maneira como este encara o texto em mãos, o interpreta e lança aos seus leitores, se proporcionam experiências de leitura e de vida.

## BIBLIOGRAFIA

### Monografias

BARBOSA, Conceição. *Manual Prático de Produção Gráfica*. 3ª edição. Lisboa, Principia, Abril 2012.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto precedido de Variações sobre a Escrita*. Lisboa, Edições 70, 2009.

BENJAMIN, Walter. “The Task of the Translator – an Introduction to the translation of Baudelaire’s *Tableaux Parisiens*” in *Illuminations*. Nova Iorque, Schocken Books, 1969.

BERGSTROM, Magnus e NEVES REIS. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. 37ª ed.. Lisboa, Ed. Notícias, 1999.

BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*. Madrid, Editorial Castalia, 1983.

COUTINHO, Maria Antónia. *Texto(s) e Competência Textual*. Fundação Calouste Gulbenkian e FCT. Março 2003.

CUNHA, Celso e LIDLEY CINTRA, Luís. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 13ª ed.. Lisboa, Edições Sá da Costa, 1997.

FIGUEIREDO, Cândido. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Vols. I e II. Lisboa, Bertrand Editores, 1939.

FONSECA, Joaquim, *Linguística e Texto: Teoria, Descrição, Aplicação*. Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Nice, Universidade de Nice, 1992.

GENETTE, Gerard. *Paratexts – Thresholds of Interpretation*. Cambridge University Press, 1997.

GRODEN, Michael e KREISWIRTH, Martins (ed.). *The John Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism*. Baltimore e Londres, John Hopkins University Press, 1984.

HEILINGER, Paulo. *Alfabetos – Caligrafia e Tipografia*. Lisboa, Dinalivro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tipografia – Origens, Formas e Usos das Letras*. Lisboa, Dinalivro, 2006.

HOUSMAN, A. E. "The Application of Thought to Textual Criticism" in *Text as Property/Property as Text*, Christopher Kelty (ed.). Connexions, Rice University, Houston, Texas, 2008.

MAAS, P. e FLOWER, B. *Textual Criticism*. Oxford University Press. 1958.

MCGANN, Jerome. "What is Critical Editing?" in *Textual Condition*. Princeton, Princeton University Press, 1991.

STEINER, George. *After Babel – Aspects of Language and Translation*. Oxford University Press, 1975.

RUSSELL, Bertrand. *A Conquista da Felicidade*. 6ª Edição. Lisboa, Guimarães Editores, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Conquista da Felicidade*. 1ª Edição. Lisboa, Guimarães Editores, 1952.

\_\_\_\_\_. *A Conquista da Felicidade*. 10ª Edição. Lisboa, Guimarães Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *The Conquest of Happiness*. Liveright Publishing Corporation, 2013.

VENUTTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility – A History of Translation*. Londres e Nova Iorque. Routledge. Taylor & Francis e-Library, 2004.

WHITMAN, Walt. *Folhas de Erva*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. [Em Linha] URL <http://www.gutenberg.org/files/1322/1322-h/1322-h.htm>.

XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (org.). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Vol. 1. Lisboa, Edições Cosmos, 1990.

## Artigos

D. C. GREETHAM "Textual Forensics" in *PMLA*, Vol. 111, No. 1, Special Topic: The Status of Evidence. Modern Language Association, 1996. pp. 32-5. URL: <http://www.jstor.org/stable/463132>. (acedido: 27/02/2015).

D.C. GREETHAM. "[Textual] Criticism and Deconstruction" in *Studies in Bibliography*, vol. 44. Bibliographical Society of the University of Virginia. 1991. pp. 1-30. URL: <http://www.jstor.org/stable/40371936> (accedido: 05/02/2015).

MARIE MACLEAN. "Pretexts and Paratexts: The Art of the Peripheral" in *New Literary History*, Vol. 22, No. 2, Probing: Art, Criticism, Genre. The Johns Hopkins University Press, 1991. pp. 273-279. URL: <http://www.jstor.org/stable/469038> (accedido: 05/02/2015).

STEVEN MAILLOUX. "Reading Typos, Reading Archives" in *College English*, Vol. 61, No. 5 National Council of Teachers of English 1999, pp. 584-590. URL: <http://www.jstor.org/stable/378976> (accedido: 12/02/2015).

## ANEXO 1

Bertrand Russell apresenta em *A Conquista da Felicidade* um projeto, livre de julgamentos morais, para a conquista de uma vida feliz.

Depois de enumerar as causas da infelicidade que nos ameaçam na sociedade moderna, Russell aponta os caminhos para contornar os perigos da fadiga e do egocentrismo. Ao mesmo tempo, encoraja o leitor a seguir o caminho do seu natural «gosto de viver», através da diversificação de interesses e das relações interpessoais.

*A Conquista da Felicidade*, partindo da própria experiência de vida de Bertrand Russell e sem pretensões de erudição filosófica, destina-se a todos os leitores e oferece um plano de ação tão válido hoje em dia como na altura da primeira edição, em 1930.

«*A Conquista da Felicidade* é uma fascinante cápsula do tempo, uma mistura que inclui observações eternas que são tão claras para nós hoje como foram para os seus primeiros leitores, e problemas e atitudes antiquados que pelos padrões da atualidade são ofensivos quando não são engraçados. Uma boa maneira de ler este livro é considerá-lo um telescópio temporal que nos permite ver quão longe chegámos. O próprio Russell merece algum crédito por mudar a nossa imaginação moral das ortodoxias obsoletas para um lugar melhor, mas aqui encontramos uma viagem em curso, pois ele está ainda absorto em preconceitos que lhe toldam a visão. Talvez a conclusão moral a tirar deste confronto seja que provavelmente devemos esperar que os nossos netos se sintam tão incomodados com algumas das nossas atitudes como nós nos sentimos com algumas de Russell.»

[Da Introdução de Daniel C. Dennett]

## ANEXO 2

Bertrand Russell (1872 – 1970) nasceu no País de Gales, Reino Unido, no seio de uma família aristocrata. Educado pela avó após a morte dos pais, recebeu uma educação puritana. Em 1890, ao ingressar no Trinity College, em Cambridge, inicia uma intensa carreira académica. Dedicou a sua vida ao ativismo político, ainda que com alguns dissabores como as passagens pela prisão e o afastamento do cargo de docente no Trinity College e mais tarde na City College, em Nova Iorque.

Após a II Guerra Mundial, antecipou os perigos da corrida ao armamento nuclear, e em 1955 publica o «Manifesto Russell-Einstein», que culmina com o estabelecimento da organização Pugwash Conferences, ainda hoje em atividade; foi também opositor do envolvimento dos EUA na Guerra do Vietname. Em 1949, foi-lhe atribuída a Ordem de Mérito britânica e, em 1950, o Prémio Nobel da Literatura, Bertrand Russell morreu a 2 de fevereiro de 1970. Tinha 97 anos.

Deixou uma vasta obra que se estende por várias áreas do saber, como a matemática, a lógica, as ciências sociais e a filosofia. Inclui títulos como: *An Essay on the Foundations of Geometry* (1897), *The Principles of Mathematics* (1903), *Principia Mathematica* em três volumes com Alfred Whitehead (1910, 1912, 1913), *The Problems of Philosophy* (*Os Problemas da Filosofia*, 1912) *The Practice and Theory of Bolshevism* (1920), *What I Believe* (1925), *Sceptical Essays* (1928) e *A History of Western Philosophy* (*História da Filosofia Ocidental*, 1946), *The Autobiography of Bertrand Russell* (3 volumes – 1967, 1968, 1969). *A Conquista da Felicidade* foi publicado em 1930.



### ANEXO 3

*Penso que podia modificar-me e viver com os animais, eles são tão serenos e  
[reservados,*

*Quando me detenho a contemplá-los demoradamente,*

*Alheios por condição a queixas e fadigas,*

*Não estão acordados de noite a chorar os seus pecados,*

*Não me incomodam a discutir os seus deveres para com Deus,*

*Nenhum está descontente, nenhum endoideceu com a mania de possuir bens,*

*Nenhum se ajoelha perante outro, nem perante antepassados que viveram milhares de  
[anos antes dele,*

*Nenhum é respeitável ou infeliz para o universos inteiro.*

## ANEXO 4

*Julgo que poderia mudar e viver com os animais, são tão plácidos e tão independentes,  
Fico a olhar para eles um tempo infinito,  
Não se cansam nem se lastimam com a sua situação,  
Não ficam acordados na escuridão, nem choram os seus pecados,  
Não me enfadam com as suas discussões sobre os deveres para com Deus,  
Nenhum se sente insatisfeito ou enlouquece com a obsessão de tudo possuir,  
Nenhum se ajoelha perante outro, nem perante a sua espécie que viveu há milhares de  
[anos,  
Nenhum é respeitável ou infeliz à face da terra.*